



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17315 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SENTIMENTOS E PRÁTICAS NO PERÍODO PANDÊMICO

Laêda Bezerra Machado - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SENTIMENTOS E PRÁTICAS NO PERÍODO PANDÊMICO

1 Introdução

Este trabalho procura identificar as representações sociais, sentimentos e práticas de docentes do ensino médio durante a pandemia. O interesse para realizar a investigação decorre das mudanças provocadas pelo ensino remoto.

Sem igual na história a pandemia de COVID-19 que afetou a todos os países no ano de 2020 e implicou em urgente necessidade de distanciamento social, as escolas fecharam suas portas e passaram a adotar o ensino remoto. Nesse novo contexto, docentes e estudantes foram obrigados a realizar seu trabalho em espaço virtual, adaptando suas atividades, desenvolvendo habilidades para lidar com novas ferramentas e metodologias para responder a essa situação inteiramente inusitada.

A pandemia e suas implicações em diferentes aspectos têm sido amplamente abordadas no âmbito da literatura. No caso específico da educação são destacadas as desigualdades expostas por essa crise sanitária, desgastes e problemas emocionais para estudantes; agravamento da precarização do trabalho dos professores, não garantia efetiva do direito à educação, além das imprevisíveis consequências dessa crise.

Conforme Santos (2020), nas diversas sociedades as formas de viver e de se relacionar mudam ao longo do tempo, no entanto a pandemia impôs modos que até então pareciam impossíveis em nossos tempos. No campo educacional, a adoção de medidas em caráter de emergência, particularmente o ensino remoto, deu visibilidade à desigualdade social em toda sua extensão tornando excluídos aqueles que não tivessem acesso à rede mundial de computadores e outras tecnologias de informação e comunicação.

A respeito dessas desigualdades e referindo-se à educação básica, Pugliesi (2021) salienta a triste realidade brasileira. Segundo o autor, essas discrepâncias se intensificaram exponencialmente no contexto da pandemia, uma vez que nesse contexto as classes populares estavam desprovidas das mínimas condições de aprendizado.

Em estudo sobre o trabalho docente em tempos de pandemia, Araújo e Yannoulas (2021) afirmam que as mulheres professoras foram as mais impactadas durante essa crise devido o aumento da sobrecarga de trabalho, horários atípicos, aceleração no desempenho das atividades, invasão da dimensão privada da vida e a ausência de condições materiais.

Um trabalho realizado por Vasquez et al (2021) mostrou que o tempo de exposição às telas, a inversão do sono, as dificuldades do ensino remoto e casos de Covid-19 em casa, estavam associados a sintomas de depressão e ansiedade. O estudo reforça os desafios colocados às escolas para a promoção da saúde mental dos estudantes.

Neri e Osório (2021), em estudo quantitativo sobre a pandemia da Covid-19, indicam um agravamento nas desigualdades regionais de educação no Brasil durante a pandemia, além de uma inversão da tendência ao crescimento e à equidade. Os autores mostram que os alunos mais pobres, os da rede pública foram os que mais perderam tempo para escola na pandemia.

Ao analisar o processo de democratização do acesso à internet e os seus impactos na educação, durante a pandemia no Brasil, Macedo (2021) reitera o quanto essa crise foi dramática para o setor educacional e afirma que é preciso lutar por uma educação acessível a todos, mesmo em tempos de crise.

A literatura acerca do problema aqui apresentado associadas ao que presenciamos nas escolas de nível médio durante o ensino remoto nos levaram a querer identificar as representações sociais dos professores, seus sentimentos e práticas no período pandêmico.

A construção das representações sociais ocorre quando um objeto estranho chama a atenção e/ou provoca certo desequilíbrio no sujeito, que deseja nomeá-lo e explicá-lo. O conteúdo novo desloca-se para o interior dos saberes correntes e aquilo que era desconhecido para o sujeito penetra no seu interior, e efetiva a criação de representações sociais (Moscovici, 2003). Tendo em vista o caráter *sui generis* da Teoria das Representações Sociais para o estudo de objetos estranhos e perturbadores admitimos sua relevância para este trabalho.

2 Metodologia

Realizamos um estudo de campo em escolas de ensino médio, localizadas em Recife-PE. Os participantes foram 15 professores de diferentes disciplinas que atuam variados tipos de escolas desse nível na Rede Estadual.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista facilita a interação com o sujeito, permite esclarecimentos e adaptações. Como recurso complementar, utilizamos a “indução de metáforas,” técnica já utilizada por Mazzotti (1998) e Andrade (2007). Para aplicá-la, ao final da entrevista, fazíamos as seguintes perguntas aos sujeitos: “*se você como professor durante a pandemia fosse uma coisa, um animal, um vegetal, um mineral o que seria? Por quê?*” A técnica faz com que os sujeitos falem de modo menos racionalizado sobre o que se investiga. Para a análise das entrevistas utilizamos a análise de conteúdo, desenvolvida por Bardin (2007).

3 Resultados e Discussão

Os resultados foram organizados em três categorias temáticas que expressam

representações sociais, sentimentos e praticas de professores durante a pandemia.

Pandemia: sentimentos e recordações de professores

Para os professores, sentimentos de medo, ansiedade, incerteza em relação ao futuro, tristeza, desinteresse, ausência dos alunos e dificuldades de adaptação ao ensino remoto são os sentimentos e as maiores recordações do período da pandemia.

Uma parcela dos entrevistados revela o medo como o principal sentimento que os invadiu. Eles declaram: “[...] medo e ansiedade ... e ansiedade gera medo.” (Prof-15) “medo principalmente de se contaminar com a doença.” (Prof 8); “ medo, tinha muitos pesadelos para mim era o fim de mundo” (Prof 7).

Outros professores falam do sentimento de incerteza e falta de perspectivas gerados pelo isolamento. Dizem: “[...] senti total falta de perspectiva de como seria o futuro” (Prof 8); “a incerteza do outro dia era minha preocupação” (Prof 11).

Como recordações os professores falam da perda de amigos durante a pandemia e do sofrimento que vivenciaram. Eles contam: “perdi amigos, dois colegas de trabalho na saúde e perdi dois na educação” (Prof 12); “[...] perdi amigos e pais de amigos até quase que perco familiares. [...]” (Prof 10).

O grupo de entrevistados faz desabafos sobre o desinteresse e abandono por parte dos alunos durante a pandemia no que se refere ao ensino. Afirmam: “[...] eu fiquei um pouco triste pelo abandono dos estudantes [...]” (Prof 3); “o sentimento era de solidão, uma coisa muito distante, fria” (Prof 5).

Dificuldades de adaptação à nova realidade do ensino remoto foram mencionadas. Um entrevistado diz: “[...] sou a favor da tecnologia, mas o impacto foi muito grande para nós professores e para os alunos” (Prof 13).

O que podemos depreender do material verbal organizado nesta categoria é uma convergência dos sentimentos e recordações marcados por medo, incerteza, ansiedade, além da preocupação com o desinteresse dos estudantes e suas implicações.

Ensino remoto: caracterização e consequências

Entre os participantes ganharam destaque as mudanças em relação ao trabalho com os conteúdos, estratégias metodológicas e de avaliação; dificuldades materiais e de acesso às tecnologias enfrentadas pelos alunos, precárias condições de trabalho docente, distanciamento e ausência dos estudantes. A maioria destaca que o ensino remoto trouxe consigo a necessidade de mudar e repensar estratégias para tornar o os conteúdos mais atrativos para os estudantes. Por exemplo, referem-se ao uso de metodologias ativas para desenvolver seu trabalho.

A esse respeito falam: “[...] primeiro que a gente, precisou se reinventar [...] pensar em metodologias mais ativas [...] tornar essas aulas mais interessantes e atrativas” (Prof 1); “a gente precisou adaptar toda forma de ensinar o conteúdo”(Prof 14). Lembramos que, segundo Morán (2015), as metodologias ativas buscam tornar os alunos mais interessados durante o processo de aprendizagem. Nessa tentativa os professores lançaram mão de ferramentas e recursos tecnológicos diversos, como gráficos, fluxogramas e outros recursos como *quiz*, *canva*, *powerpoint*, *jamboard*etc. Disseram: “[...]eu tive que contextualizar muito mais, eu fiquei fazendo mais gráficos, mais fluxogramas etc” (Prof 5); “[...] no ensino remoto, eu tive uma certa facilidade, porque eu tinha o *canva*, *powerpoint*, o *jamboard* eu saía colocando

imagens, colocando foto, colorindo [...]” (Prof 9).

Sobre avaliação durante o ensino remoto é recorrente nos depoimentos dos professores que a principal mudança foi a utilização de formulários online a serem respondidos pelos estudantes. Tal medida gerou certa insatisfação, pois esse formato dificulta o diagnóstico do que foi aprendido. Quando avaliados via internet, os alunos podem fazer consultas e contar com a ajuda de outras pessoas para realizar a avaliação.

Os professores falam de dificuldades vivenciadas pelos alunos como falta de recursos tecnológicos em seus domicílios e a ausência de contato direto com os colegas. Eles admitem que não conseguiam avançar para não prejudicar os alunos que estavam excluídos por não disporem das tecnologias. Afirmam: “[...] muitos não têm computador, não têm celular, não têm internet, têm pegar internet do vizinho.” (Prof 7); “[...] até hoje os meninos quando a gente fala “aula online” eles ficam logo chateados”(Prof 8).

As dificuldades dos alunos durante o ensino remoto corroboram Cunha (2020) quando afirma que durante o período pandêmico muitos alunos não possuíam aparelhos celulares para operarem com eficiência e qualidade à internet e por isso foram prejudicados.

Os resultados organizados neste tópico demonstram que as condições desfavoráveis de trabalho ganham centralidade nas representações sociais construídas por esses professores.

Os docentes enfatizaram o distanciamento e a falta de envolvimento dos estudantes nas atividades escolares. Sobre isso fizeram os seguintes comentários: “[...], a pandemia afastou muito, tirou muito essas relações que fortalecem a aprendizagem” (Prof 1) ; “[...] eu não sabia o que o estudante sentia através de uma tela e brincava: “ei paredel!” (Prof 3)

Sobre as condições de trabalho durante o ensino remoto, há maior ênfase nos pontos fracos desse trabalho. Predominam aspectos tais como: a falta de equipamentos para desenvolver as atividades, problemas de conexão com a internet, iniciativa tardia por parte do Estado para garantir as condições de trabalho.

Pontos fortes do ensino remoto, segundo os professores, são difíceis de identificar, mas consideram positiva a possibilidade de se reinventarem frente ao uso de tecnologias e criar novas estratégias de trabalho. Ainda foi lembrada a comodidade de trabalhar em casa. Disse um professor: “[...] o melhor foi o conforto [...] então eu tenho uma hora e meia de distância daqui do colégio pra lá e não precisava disso, era só ligar o meu computador” (Prof 8).

Conforme depoimentos, as representações sociais de ensino remoto são desfavoráveis para os professores que, assim como os estudantes, enfrentaram desafios. Os entrevistados, apesar de revelarem a possibilidade de reinvenção, enfrentaram dificuldades materiais e técnicas para desenvolvimento do trabalho, problemas de relacionamento e limites no processo de aprendizagem dos alunos.

Metáforas que representam os professores e suas práticas durante a pandemia

Como resultado da indução por metáforas, a prática docente durante a pandemia foi comparada por dois professores a plantas. Os demais associaram seu trabalho aos animais: tamanduá, camaleão, gato e fênix e outros a objetos: cubo mágico, provedor (de internet), celular diamante, semente, girassol, sol e mar. Apenas um dos entrevistados não fez a comparação solicitada.

Agrupamos as justificativas dadas às associações em quatro grupos: necessidade de readaptação, reinvenção; emergência para suprir demandas; obstáculos na relação professor-

aluno e desejo de oferecer suporte aos estudantes.

No primeiro grupo, necessidade de readaptação, reinvenção e transformação, reunimos respostas em que os docentes associam seu trabalho a cubo mágico, diamante, semente, fênix, tamanduá, camaleão, girassol, gato e planta. O conjunto dessas associações enfatiza termos como readaptar, crescer, florescer, evoluir. Os entrevistados falam das transformações que precisaram fazer a fim de conter e envolver os alunos nas aulas. Eis alguns trechos de suas falas: “seria uma planta, porque floresce, pode abrir os caminhos. (Prof.12); “uma fênix é bem representativa, ela ressurgue, ela volta a vida” (Prof.7.).

Como implicação do isolamento social, os professores comentam que se tornou indispensável repensar os modos de trabalhar, principalmente as estratégias metodológicas que costumavam utilizar. Afirmam: “[...] um camaleão, pois tivemos que mudar e se adaptar aquele momento” (Prof. 10), “[...] um tamanduá ficava fuçando a internet procurando alguma coisinha pra chamar atenção deles” (Prof 8).

O estudo desenvolvido por Souza, Ens e Oswald (2023) sobre as representações de professoras e coordenadoras pedagógicas sobre a pandemia, semelhante ao que constatamos, revelou que esse período nefasto trouxe mudanças repentinas, aprendizagens variadas e possibilidade de reinvenção.

As associações do segundo grupo destacaram a emergência de suprir demandas ocasionadas pelo ensino remoto. Os professores frisam os obstáculos enfrentados. O trabalho que desenvolvem é associado ao celular e o provedor de internet. Dizem: [...] O objeto seria o celular, né? [...] porque foi a ferramenta pra tentar suprir aí essa demanda? (Prof. 14) “[...] um provedor, não parava de trabalhar nunca (Prof 15).

O que depreendemos das falas dos docentes que associam seu trabalho na pandemia ao celular e provedor de internet é a centralidade que esses recursos ocuparam em suas vidas, sem eles não seria possível trabalhar. O que ainda fica evidenciado por meio dessas metáforas, é a falta de limite entre o trabalho docente e a vida cotidiana. Tais resultados podem ser relacionados ao que afirmam Oliveira e Pereira Junior (2020) e Macedo et al (2020), esses estudos mostram que a pandemia potencializou a precarização do trabalho docente.

O terceiro grupo de falas destaca o relacionamento professor-aluno no período pandêmico, os depoimentos associam o trabalho docente na pandemia ao mar e as plantas. Conforme os professores, a falta de participação dos alunos durante as aulas foi constante. Os depoimentos reforçam as ausências, mesmo que estivessem disponíveis para orientá-los. Oliveira e Pereira Junior (2020) também revelam que um dos desafios enfrentados pelos docentes durante a pandemia foi a diminuição da participação dos alunos nas aulas e atividades propostas no ensino remoto.

Assim como nas entrevistas, as metáforas elaboradas pelos docentes a respeito do trabalho que desenvolveram durante a pandemia reforçam como elementos representacionais desse trabalho a capacidade de adaptação e reinvenção e os desafios enfrentados durante o período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstramos, nas representações sociais de professores, a prática no ensino médio, em tempos de Pandemia, é marcada por mudanças. Essas representações têm

centralidade no deslocamento do espaço de trabalho presencial para o virtual, isto é, o ensino remoto implicou em alterações nos seus modos de ensinar e se relacionar com os alunos.

Os sentimentos que marcaram os docentes durante o período foram: aprisionamento, medo, ansiedade, incertezas e tristeza. Tais sentimentos foram corroborados pelas metáforas que convalidaram os depoimentos.

Entendemos representações sociais como normas grupais que definem o que é o que não é próprio para os grupos. Assim, podemos dizer que os docentes compartilham representações sociais marcadas por elementos como mudanças, adaptação à novidade ruim, tristeza e retrocessos para a educação.

Esses resultados confirmam o valor da escola como espaço de convivência social e aprendizagem para os professores, bem como os prejuízos educacionais provocados pelo isolamento social decorrente da pandemia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. B. da S. F. **Se a escola pudesse ser outra coisa, que coisa ela seria?** In: V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, **Anais eletrônicos**. Brasília, 2007 p. 1-11

ARAÚJO, S. C. L. G; YANOULAS, S. C. Trabalho docente, feminização e pandemia. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 754-771, set./dez. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2007

CUNHA, L. F. F; SILVA, A. S; SILVA, A. P. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020.

MACEDO, V. L; SOUSA, M. A; NAVARRO, E.C; RODRIGUES, A. L. Aula Remota no Ensino Médio frente à Pandemia da COVID-19: uma revisão bibliográfica. **Revista Interfaces do Conhecimento**. V. 2, n.3, p. 1-18, Ago/Dez,2020.

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 34, nº 73, p.262-280, Maio-Agosto 2021

MAZZOTTI, T. B. Investigando os núcleos figurativos como metáforas. I Jornada

Internacional sobre Representações Sociais. In: V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. **Anais eletrônicos**, Natal-RN, 1998 p. 1-12.

MORAN, J. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015 p. 17-28

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**.. Petrópolis: Vozes, 2003

NERI, M; OSÓRIO, M. C. Evasão escolar e jornada remota na pandemia. **Revista NECAT** – Ano 10, no 19, Jan-Jun/2021

PUGLIESI, E. J. Desigualdades educacionais e pandemia: a necessidade de uma pedagogia revolucionária. **Revista Brasileira de Educação Básica**, ano 6,Nº Esp.. Set. 2020

SANTOS, B de S. **A cruel pedagogia do vírus** . Coimbra: Edições Almedina, abr. 2020

SOUSA, C, P. de; ENS, R. T; OSWALD, S. E. S. A construção do pensamento social de professoras e coordenadoras pedagógicas sobre a pandemia da covid-19: um estudo em representações sociais. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 18, p. 1–18, 2023.

VAZQUEZ, D A. et al. Schoolless life and the mental health of public school students during the Covid- 19 pandemic. In **SciELO Preprints**. 2021
<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2329>. Acesso em: 18

Resumo:

Este trabalho identifica representações sociais dos professores, seus sentimentos e práticas no período pandêmico. Utilizando a entrevista semiestruturada, desenvolvemos um estudo de campo com 15 professores de diferentes escolas de ensino médio de Recife-PE. Os resultados revelaram representações sociais marcadas por mudanças, reinvenção e atraso na educação. O trabalho confirma o valor da escola como espaço de convivência social e aprendizagem para estudantes e professores e os prejuízos educacionais decorrentes da pandemia.

Palavras-chave: Professor; Representações Sociais; Pandemia.